

por Sérgio Favarin\*

■ Das primeiras discussões, a [partir de 2018](#), até o presente, o Open Finance já pode ser considerado um sucesso no Brasil. Disto não tenhamos dúvida. A democratização das transações por meio do PIX é algo notável e que mostra como o país é um dos pioneiros no uso compartilhado de informações de clientes (sempre com consentimento), favorecendo serviços e produtos desenvolvidos de maneira personalizada. Mas só estamos arranhando a superfície do enorme potencial que, com a Inteligência Artificial (IA), será liberado nos próximos anos.

Digo isso diante de um cenário que, segundo algumas [pesquisas](#) divulgadas recentemente, ainda indicam uma [baixa adesão](#) ao Open Finance no país. Em comum entre cada um desses levantamentos está o fato de pessoas físicas e jurídicas ainda enxergarem pouco ou nenhum benefício direto e claro para, de fato, compartilhar os seus dados. Entendo bem esse sentimento: se não entendo o benefício de algo, dificilmente vou aderir. O meu pai mesmo, apesar de saber o quanto uso a tecnologia a meu favor nesta área, ainda vai ao banco.

A rápida e crescente adoção da IA no ambiente tecnológico e financeiro pode ser justamente o “motor” que o Open Finance precisa para se expandir de fato no Brasil. Instituições financeiras e consultores deixaram de lado a ótica sonhadora que norteou o processo de desenvolvimento do compartilhamento de dados, preferindo métricas e metas mais próximas ao chão do que lançar mão de nomenclaturas complexas para ofertas e propostas que o principal interessado, o consumidor final, não entende. Não é possível se iludir: é esperado ter medo de ceder as suas informações.

Ao ter mais e mais capacidade de lidar com grandes volumes de informação, a IA pode auxiliar no desenvolvimento de soluções e ofertas mais traduzidas, ou até minimalistas no sentido de atender a um determinado público-alvo. Estamos falando de análises mais rápidas e precisas que, por exemplo, possam gerar possibilidade de crédito para bons pagadores com vantagens, ou processos de autenticações modernos e super seguros quando da compra e venda de carros e imóveis, tudo online e em tempo real. São apenas dois simples exemplos que podem alavancar não só o Open Finance, mas todo o universo Open que está chegando (Open Insurance e Open Investment, mais precisamente).

Assim como mostraram as pesquisas que mencionei anteriormente, parte da culpa passa pelas próprias instituições financeiras, que nem sempre conseguiram oferecer e informar os seus clientes sobre mais de 45 serviços integrados ao Open Finance oferecidos pelos bancos associados, como agregadores financeiros, iniciação de pagamentos e serviços voltados para cashback. Já de olho em 2024, o momento é de traduzir e simplificar por objetivos de curto prazo mais claros e críveis. Neste sentido, ter uma estratégia como embarcar soluções de IA em projetos a favor de novos produtos personalizados é essencial.

Em suma, não basta mais tentar associar Open Finance a crédito, como tentou-se no início. O benefício deve ser demonstrado de diferentes formas, de tal forma que cada cliente, individualmente, enxergue como poderá contratar um seguro mais barato (e mais aderente a sua real necessidade) ao compartilhar os seus dados, ou como ceder informações financeiras pessoais pode lhe render vantagens em compras no varejo ou quem sabe, até sugestões de viagens/compras que são tão sua cara que parece alguém leu sua mente.

São ganhos factíveis que podem ser obtidos por meio deste enriquecimento de dados, que só é possível dado ao Open Finance potencializado com insights obtidos através do uso de Inteligência Artificial. As vantagens que já vemos e ainda enxergaremos no nosso dia a dia são inúmeras. Resta a nós, que atuamos nos bastidores, agir de maneira mais estratégica e clara para que milhões de brasileiros sintam a sua vida impactada pelo Open Finance. Se você aprova o PIX, não subestime o que vem por aí.

\***Sérgio Favarin** é VP of Capital Markets & Financial Services da GFT Technologies no Brasil, tendo atuado diretamente junto a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) e Banco Central nas duas primeiras fases do projeto de Open Banking

(23.10.2023)